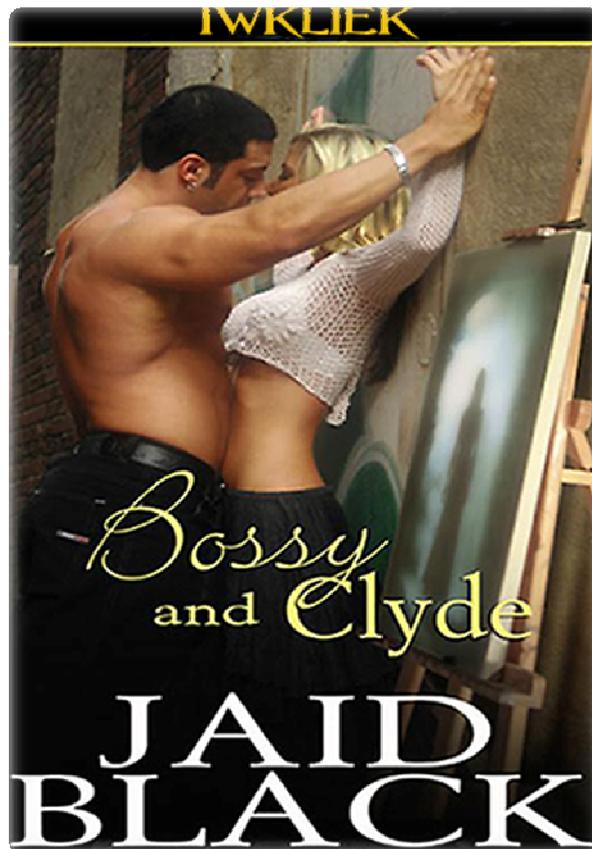




TWKliek

Jaid Black
Bossy and Clyde



Bossy e Clyde Jaid Black

Disp em Esp: Club de Las Excomulgadas

Envio do arquivo e Formatação: Gisa

Revisão inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Denise Souza

Capa: Elica Leal

TWKliek

A nova cliente do Damon Clyde é de outra galáxia. Ele pode dirigir seu autoritarismo. Pode tolerar que se acredite psíquica. Mas o que seu corpo fabuloso faz, poderia fazê-lo perder a cabeça.

Kandrea não pode afastar de sua última obra, possivelmente seu melhor trabalho. À medida que se esforça por compreender o que o mundo dos espíritos está tratando de dizer, também tem que lutar contra a crescente atração para o áspero homem das cavernas, que é Clyde.

Damon está decidido a conseguir Kandrea. E não há poderes psíquicos ou dolorosas lembranças que possam assusta-lo.



Comentário Cris Reinbold: Não é possível, tá faltando o meio do livro, procurei em baixo da mesa, mas não achei. Cadê o resto do livro...

Comentário Denise: Uma história fofa. Mais por ser um conto se desenvolve rápido demais.

Capítulo Um

—Temo que este não.

—Não entendo.

—O que não compreende senhor? É feio. Odeio.

Damon Clyde passou uma mão sobre sua crescente barba, enquanto tratava de dar sentido à pequena e estranha criatura parada a seu lado. Bronzeada, loira de olhos azuis, era uma formosa mulher de um ponto de vista estético. Não que chamasse a atenção por nenhum meio convencional, exceto em uma forma provocativamente carnal.

Conhecia todo tipo de mulheres, desde bailarinas a contadoras, de atrizes a professoras de escola, mas honestamente poderia dizer que nunca encontrou, e muito menos tinha desejado completamente, a uma mulher como Kandy Kane. Uma autoproclamada artista psíquica com um ar de apenas me libere do manicômio. Realmente não podia entender por que ficava duro como uma rocha só ao captar um sopro de seu perfume.

Seu nome real era Kandrea Kane e ela advertiu que odiava quando as pessoas tomavam a liberdade de cortar seu nome para Kandy. Damon fez uma nota mental de usar essa técnica de tortura muito em breve se ela não deixasse de gracejar frustrando-o com toda essa merda.

Kandrea contratou a sua empresa, Clyde & Masterson, para reformar seu recém-adquirido apartamento em Manhattan. Queria que sua casa fosse —o retiro ideal, com um pouco de aura— e usou sua assim chamada habilidade psíquica para decidir qual do grande número de construtoras da cidade de Nova Iorque contrataria. Durante a semana passada desejou mais de uma vez que suas premonições ou mais provavelmente as páginas amarelas, não a tivessem conduzido a ele.

—Senhora Kane... — Damon respirou profundamente e exalou lentamente. Ela não poderia apanhá-lo. De nenhuma forma — Estou tratando de entender o que é exatamente que encontra feio nesta parede, mas tendo em conta que minha equipe nem sequer a construiu, estou um tanto



perplexo.

Ele forçou um sorriso, contente de poder cuspir essa frase com calma, mas um pouco bruscamente. Quase podia entender sua aversão a uma parede que realmente existia, mas uma imaginária?

Merda, a mulher era uma louca.

—Mas vai construir. — disse Kandrea secamente. — E logo pintá-la.

—Disse que a queria grafite.

—Sim. Mas não disse que queria que fora amarelo canário! Meu Deus. Minha alcoólica tia vomitaria uma bÍlis mais bonita que essa cor.

—Não vai ser pintado de amarelo. Será o tom exato de azul-violeta que pediu.

—Isso não é o que vi na visão que tive esta manhã.

—OH, Santo Deus.

—Vi claramente um membro de sua equipe pintar minha parede de uma cor amarela ímpia!

Suas fossas nasais flamejaram como se tudo isto realmente tivesse passado. Damon não sabia se dava risada, chorava, gritava para que encontrasse outro construtor, fodê-la até que se calasse ou todo o anterior. Ele deu um golpe com a palma da mão na testa. A mulher o estava conduzindo para o mesmo estado mental psicótico no qual ela vivia.

Nada nem ninguém o deixavam de saco cheio. Nunca. E não queria que ela fosse à primeira.

E o que a fazia tão condenadamente atraente? Damon era o tipo de homem cuja natureza se regia pela lógica e a ciência. Não lidava bem com sentimentalismos femininos, por não falar dos de loucos psíquicos. Ele era estoico e controlado, forte e concreto. Não levantava a voz nem usava sua força física para acovardar aos outros. E nunca perdia a calma.

E então chegou Kandy Kane.

Podia sentir a necessidade de gritar, de golpear alguém, a ponto de explodir. Ela estava se metendo debaixo de sua pele e pondo de pernas por ar seu bem ordenado mundo.

—Minha aura é sensível. — Kandrea disse secamente —Não pode e não tolerará a cor de mucosidade podre recobrimdo minha parede.

Os punhos do Damon se apertaram em seus flancos. Era isso ou fazer um buraco através da inexistente parede em questão.

Kandrea Kane estava mais louca que a merda dos morcegos. E seu pênis estava tão duro que doía. Não sabia se estava zangado com ela por ser uma demente de primeira ou consigo mesmo por ser atraído por uma mulher que transformou a Sybil¹ em uma corda em comparação.

Ele agitou a ordem de trabalho em seu rosto.

—Tenho escrito aqui mesmo. —F4, que é a cor azul violeta como pode ver. A parede se pintará dessa cor segundo suas instruções. — Sua mandíbula se apertou. Doce Deus, ainda poderia suportar muito mais. De volta aos seus dias no Exército, Damon sobreviveu a duas guerras e dez emboscadas inimigas sem desmoronar, mas esta pequena e estranha mulher poderia derrubá-lo. —Será construída no final da semana. Pode pintar ao gosto de sua maldita aura para o fim de

¹ Uma pessoa de múltiplas personalidades.



semana! Está satisfeita, Ssssenhorita Kane?

Suas mãos se plantaram desafiadamente em seus quadris, mas não disse nada. Seus olhares se encontraram em uma guerra de vontades, seus olhos azuis se estreitaram. O silêncio se estendeu entre eles.

Gritou. O estalo de paixão deixou seu coração acelerado, dilatou as fossas nasais e deixou seu peito ofegante. Aprendeu faz muito tempo a não permitir que suas emoções o vencessem. Tais desdobramentos preocupavam as pessoas.

Damon era consciente que seu tamanho e estrutura muscular fossem intimidantes para os homens e mulheres igualmente. Permaneceu de pé, sólido com seus poderosos seis pés, seis polegadas que desfrutava desde nono grau. Aos trinta e oito anos de vida, ninguém foi tão estúpido para começar uma briga com ele. As pessoas instintivamente recuavam diante de homens que tinham sua massa e força muscular. Entretanto, Kandrea Kane o olhou como se tivesse matado mosquitos mais horripilantes que ele. Não estava seguro se devia estar impressionado ou irritado.

Aparentemente seu membro pensou que deveria estar excitado. O muito maldito estava pressionando com força contra seus jeans, expulsando uma gota de pré-sêmen. A louca e sua aura o estavam deixando louco.

Ela se voltou com um assobio de sua magra saia e olhou a parede invisível. Sempre se vestia como uma vampira cigana, um aspecto que parecia perfeitamente bem com ela. Invariavelmente usava roupa de cor negra da cabeça aos pés, com os dedos e os pulsos decorados com aros enfeitados e braceletes de todas as cores sob o sol.

—Sim — Kandrea disse finalmente, pondo fim ao prolongado e tenso silêncio. Deu a volta, mostrando um indício do tornozelo e uma mecha de cachos loiros. Viu mais pele em uma freira, mas seu pênis parecia pensar que se encontrava em um clube de strip-tease. —Estou satisfeita.

Se só ele estivesse. Damon franziu o cenho seriamente. Temeu entrar em combustão espontânea se não saísse do apartamento logo. Já era suficiente.

—Bom. — grunhiu. —Voltarei amanhã.

—Impressionante!

—Inquietante!

—Pura genialidade!

Kandrea recordou os elogios entusiastas que Olivia e Andie deram há uma hora com respeito a seu mais recente projeto artístico. Se não fosse pela tendência de Kandrea para autocrítica, teria se atrevido a chamar à vívida interpretação emocional uma obra-prima. Foi definitivamente o melhor que alguma vez pintou.

Ela sabia que suas duas melhores amigas quiseram dizer cada palavra de seus elogios. Para começar, ambas eram colegas artistas e reconheciam a necessidade que sua classe albergava pela brutal honestidade. E sendo de empatia sensível como era... Bom, era difícil, se não impossível enganar Kandrea com palavras falsas e vazias. Houve muitas vezes ao longo dos anos em que



desejou que as coisas fossem normais— que ela fosse normal— mas essa não era a vida com a que teve que lutar.

Kandrea ficou consciente de si mesmo à tenra idade de cinco anos. Sempre soube que era diferente a outras crianças de sua mesma idade, mas até o jardim de infância não entendeu como era diferente. Sua mãe se referia a ela como especial e a chamava santa. Os meninos da escola gozavam dela sem piedade, optando por aberração em vez de especial e possuída por santa.

Enquanto as garotas do bairro brincavam, pulavam corda e desfrutavam da amarelinha, ela desenhou e pintou imagens dos acontecimentos que tinham tido lugar em qualquer parte, desde no dia anterior a milhares de anos atrás. Pelo geral não sabia quem era os personagens de seus desenhos e pinturas, mas fazia tempo que aceitou que, por qualquer razão, os fantasmas dos mortos queriam que suas histórias fossem narradas.

E assim Kandrea as contava, com honestidade, algumas vezes com cada desconsolador detalhe.

Sua última pintura era provavelmente a recreação mais inquietante dos acontecimentos passados que alguma vez estampou em um tecido. Não poderia dizer por que era o mais triste que alguma vez pintou, mas algo a respeito de sua obra de arte de três painéis espremeu seu coração.

O primeiro painel mostrava um menino, apenas um adolescente, sendo incomodado sem piedade por outras crianças. Monstruosamente alto para sua idade, o menino permanecia de pé estoico na escola. Sua mãe o olhava com o coração destroçado, querendo proteger seu filho da dor, mas sabendo que o câncer que a estava comendo viva seguia seu curso. Seu filho teria que ser forte e capaz de valer por si mesmo.

O segundo painel mostrava um par de anos no futuro, o funeral de sua mãe. O gigante menino estava chorando em silêncio enquanto olhava para baixo ao que ficava do frágil corpo de sua mãe. Quis tanto ser aceito pelas outras crianças antes que morresse, assim saberia que ele estaria bem, mas isso jamais aconteceu. Seus companheiros nunca mais se fixaram nele. Deviam ser uns idiotas, mas o ignoraram como se nem sequer estivesse ali.

O painel final da pintura mostrava o fantasma da mãe em vívido azul e redemoinhos púrpura por cima de seu ataúde. Ela se inclinava para seu filho que já não podia vê-la, tratando de dizer que sabia que ia crescer até se converter em um homem extraordinário. A altura e a força muscular considerada bestial pelas normas da escola secundária seria vista como um atributo pelas mulheres e um ponto de inveja por outros homens quando ele fosse adulto. Morria por abraçar seu filho, para assegurar que seu amor sempre estaria com ele, mas ela morava em um mundo diferente do menino agora e não podia quebrar o portal que os separava.

Os olhos da Kandrea cresceram brumosos enquanto olhava a pintura. Desejava saber quem menino era para poder dar o quadro. Suspirou, se dando conta que tal sorte raramente era concedida. O único que podia fazer era vendê-lo, esperando que terminasse nas mãos da pessoa adequada. Com os anos aprendeu a se consolar desta maneira, sabendo que era muito pouco o que podia fazer.

Esteve tentada a ficar com esta pintura em particular, que a chamava em muitos níveis.



Também perdeu sua mãe jovem e definitivamente sabia o que se sentia ao ser pontuada de aberração. Mas, solitária e tendo apenas duas amigas, Kandrea sabia que muitas pessoas provavelmente veriam a pintura mais como vendível que para ficar em seu escritório. Não tinha mais remédio que pôr a obra de arte psíquica à venda em sua próxima coleção.

Dando as costas à pintura, Kandrea se aproximou da janela e olhou através da estreita rua de Manhattan. A empresa de empreiteiro que contratou Clyde & Masterson, terminaria a renovação de sua nova casa em aproximadamente duas semanas. Ela mal podia esperar para mudar a um apartamento muito maior. A vantagem de viver onde trabalhava estava se convertendo em algo fisicamente exaustivo.

Recordando a conversa anterior com o proprietário da empresa construtora, seus lábios se apertaram enquanto se afastava da janela e cruzava o pequeno escritório para sua cozinha, inclusive menor.

Não sabia se foi porque era um homem grande e ameaçador que o encontrou tão bonito, mas sua atração por ele era inegável. Ele franzia o cenho mais do que sorria, grunhia em vez de rir. Era complicado e pomposo e, obviamente não acreditava que os empáticos existiam realmente, não de seu tipo nem muito menos. Entretanto, o desejo de ter um tórrido romance com um vândalo tedioso bateu a sua libido tão agudamente como as lembranças que rasgavam através de sua psique.

—Devo estar ficando louca — murmurou, com o som de pratos batendo enquanto procurava sua xícara de chá favorita. — Damon Clyde não é meu tipo.

Desligando o ventilador e jogando um saquinho de chá de ervas em sua xícara, Kandrea consolou a si mesma com a noção de que a atração que sentiu foi puramente física e sem dúvida unilateral. Era tão alto para fazê-la se sentir pequena, apesar de que na realidade media um metro e sessenta e pesava aproximadamente sessenta e oito quilos em um bom dia. Era de cabelo escuro e olhos escuros, e tão musculoso como era alto. Ele era...

OH, esquece! Ela nunca teria que se preocupar que descobrisse sua estranha atração por ele, por um homem como ele, um homem que podia ter a qualquer mulher que quisesse, nunca notaria uma pessoa como ela além de olhá-la estupidamente. Os de seu tipo nunca faziam.

Irritada, apertou o saquinho de chá quente sobre a xícara com violência, fazendo que se rasgasse, além de se sujar com folhas de ervas por todos os lados.

— Maldição! — Jurou enquanto limpava a desordem. Renunciou a tomar seu precioso café com cafeína por chá descafeinado faz uma semana e se encontrou, não pela primeira vez, lamentando essa decisão.

Apertou os dentes enquanto seu olhar se desviou para a janela. Orou para que Damon terminasse seu novo apartamento logo e não ser obrigada a tratar com ele nunca mais.

E preferivelmente antes que a voltasse completamente louca.

Capítulo Dois



—Temos que terminar a casa da Kane antes do previsto. — disse Damon a seu sócio de negócios, Mathias Masterson, pedindo mais pizza e cerveja. — Logo podemos passar ao apartamento do cantor que está abaixo no Soho.

—Supermodelo. — corrigiu Damon.

—Huh?

—É uma supermodelo, não um cantor.

—OH. Bom, o que seja. O ponto é que devemos terminá-lo antes do previsto.

Damon olhou do outro lado da mesa como Mathias beliscava o que se supunha era uma peça microscópica de penugem da manga da jaqueta de seu traje de grife cara. Suspirou, suprimindo a necessidade de revirar os olhos. Ele queria a seu companheiro como a um irmão, mas o homem tinha um I de imbecil. Depois que Mathias terminasse sua pizza e de arrumar simetricamente o garfo e a faca de ambos os lados do prato, Damon formulou uma pergunta.

—Conheceu Kandrea Kane?

—Sim. — confirmou Mathias. Pegou sua caneca de cerveja e a inspecionou visualmente por qualquer traço de mosquitos mortos, parasitas, mantimentos rangentes que tivesse passado por cima da lava-louça, e Deus sabe que mais, antes de tomar um gole e voltar a baixar a caneca. —Uma senhora estranha se me perguntar.

—É algo assim como o que disse o coma à panela negra². — disse Damon graciosamente.

—Não sou estranho. — respondeu Mathias. — Sou exigente.

—Muito bem. Exigente e estranho então.

Seu companheiro franziu o cenho.

—Os fantasmas não falam comigo. Não pinto retratos imaginários dos mortos para ganhar a vida. — Outra penugem invisível foi tirada da manga e escovada até o chão. — Somente prefiro que minha vida seja uma máquina limpa e bem lubrificada. Não há absolutamente nada estranho em se esforçar por ser melhor.

Damon suspirou.

— Não era minha intenção insultar. Escuta amigo, vamos comer, de acordo? Estou com um humor de merda.

—Por quê? Algo aconteceu entre você e a Sra. Kane hoje?

—Poderia dizer isso.

—Que intrigante. — Mathias disparo um sorriso. — Pode ser bizarra, mas não é feia.

—Nada disso aconteceu. E não é bizarra! — Disse Damon.

Ele desviou o olhar por um momento, tratando de dar sentido a seu arrebatamento. Por alguma estranha razão não gostava quando seu melhor amigo insultava Kandrea. Uma coisa era que Damon pensasse que era deliciosa e outra coisa que Mathias dissesse. — Quero dizer que nada sexual aconteceu.

² Refrão popular.



—O que aconteceu então?

Mathias observou Damon perplexo quando contou a história sobre a inexistente parede amarelo-canário.

— Estava muito zangada. Como se todo este incidente imaginário tivesse acontecido na realidade. Foi estranho, homem.

—Está mais louca que um bilhete de três dólares. Pena que o Criador desperdiçou uma cara e um corpo como esse em alguém que, obviamente, não toma seu remédio.

A mandíbula de Damon se esticou.

— De todos os modos, — grunhiu, tratando de ignorar o segundo golpe contra Kandrea, — foi um dia comprido.

—Eu diria que está a ponto de se estender.

—Huh?

As sobrancelhas Mathias subiram enquanto olhava através do pequeno pub.

— Ela acaba de entrar. É possível que deseje correr antes que te acuse de uma maldade futura que não cometeu.

Damon lentamente inclinou a cabeça para a esquerda, seu escuro olhar procurando Kandrea e indo a ela. Seus dedos e braços brilhavam em uma grande quantidade de contraste de cores vivas para que não fosse difícil de encontrar. Sua saia cigana e a camisa eram negra, como sempre, mas, entretanto a semelhança acabava aí.

Esta noite a Sra. Kane usava uma ajustada camiseta que terminava muito por cima de seu umbigo, mostrando um piercing com pedras preciosas. Seus longos cachos de ouro foram enclausurados em um coque solto, dois suaves brincos caíam em cascata de ambos os lados de seu pescoço. Seus generosos peitos estavam livres, sem sutiã para ocultar seus duros mamilos que empurravam contra o tecido. Os globos de carne suave sacudiam um pouco ao caminhar, mas não muito, o que fez perguntar se ela fez uma cirurgia de aumento de seio. Nunca conheceu uma mulher de trinta anos cujos seios estivessem ainda firmes naturalmente.

Damon tragou duramente. A seu pênis não parecia importar se esses seios eram reais ou falsos. Palpitava em agonia, obrigando ele a trocar de posição no desconforto de seu assento.

Merda. Kandy Kane poderia estar louca, mas era uma louca malditamente formosa.

Respirando profundamente, Damon tentou evitar sua crescente excitação. Esperava que Mathias não tivesse notado sua intensa reação para Kandrea. Não podia compreender a si mesmo, por isso explicar a outra pessoa era uma missão impossível. Ela estava como o inferno de boa, mas suas personalidades eram como o dia e a noite. O mundo de Damon era um de concreto e terra, enquanto que a existência de Kandrea era de fumaça e etérea.

—Wow— Mathias assobiou entre dentes. — Não está mau, né?

Damon tentou não mostrar reação alguma à admiração vocal de seu melhor amigo sobre Kandrea. Fracassou miseravelmente.

—Ela é minha— grunhiu Damon, seu olhar seguia fixo em Kandrea. — Assim se afaste.

—Whoa!— Damon olhou a seu companheiro a tempo de vê-lo quase se afogar com sua



cerveja. — Sua? Do que está falando?— Mathias se deteve. — Não quer dizer...

—Não sei a que merda me refiro. — Damon passou uma atormentada mão por sua mandíbula e suspirou. Emoções lutavam em seu interior. —A mulher está louca e está tratando de me voltar tão louco com ela.

A risada suave de Mathias fez franzir o cenho de Damon.

—Não estou rindo. — murmurou Damon.

—Eu sim.

—Já percebi.

—Não acredito que a Sra. Kane veja as coisas a sua maneira, Damon. Olha quem está sentado junto a ela. — O sorriso de Mathias foi enorme. Queria dar um tapa.

Damon voltou sua cabeça lentamente, seus escuros olhos se concentraram no casal sentado no lado oposto do bistrô italiano. O casal foi de mãos dadas, falando em voz baixa entre si do lado da mesa que compartilhavam. Sua mandíbula apertou.

De todos os homens para sair em Nova Iorque, Kandrea Kane estava sendo cortejada nada mais e nada menos que por Tyler Thomas. O inimigo de toda a vida de Damon. Filho da puta.

Tyler fez que a infância e adolescência de Damon estivessem cheia de brincadeiras, angústia e tortura. Como capitão da equipe de futebol do instituto, Tyler e seus companheiros de esquadrão de valentões tiveram grande prazer em humilhar Damon publicamente em cada oportunidade que tinham. Desde fazê-lo tropeçar na cafeteria, até colocar a cabeça à força em um vaso sanitário repetidas vezes. Damon suportou tudo.

Só depois da graduação, quando Tyler foi à universidade em Boston e Damon estudou na Universidade de Nova Iorque, que os fantasmas do passado de sua infância debilitaram seu controle sobre a autoestima de Damon. Uma vez foi um menino com óculos, desajeitado, e torpe. Seus óculos se converteram em lentes de contato e seu físico se desenvolveu em sólido, e implacável músculo. Se destacou em suas aulas, fez esportes e desfrutou de cada momento da vida universitária.

Segundo os rumores, Tyler era agora um advogado de terceira classe em uma escrivania de advogados de terceira categoria no Queens. Tinha uma reputação de caçador de ambulâncias e de se aproveitar de seus clientes doentes e feridos. Uma vez imbecil, sempre imbecil, como Mathias frequentemente dizia. Damon só desejava que ter triunfado tanto no profissional e no econômico sobre Tyler Thomas o fizesse sentir melhor sobre o fato de que o bastardo estava de mãos dadas com Kandrea neste momento.

—Preciso dormir um pouco, — murmurou Damon, ficando de pé. — foi um comprido dia. Verei você amanhã.

Um débil sino soou, anunciando que um cliente entrou ou saiu do restaurante, mas ela estava muito concentrada na terrível situação para notar muito mais. As fossas nasais de Kandrea alargaram enquanto tratava de retirar suas mãos longe das de Tyler. Não gostaria de fazer uma cena, mas se ele não a soltava logo ia fazer precisamente isso.



E pensar que a trouxe para o restaurante com o pretexto de estar preocupado com sua melhor amiga, sua noiva. Pelo que podia ver, Tyler só se preocupava em se meter dentro das saias de Kandrea. Que idiota.

—Escuta!— falou, irritada. — Tem até que conte três para tirar suas traiçoeiras mãos das minhas, ou vou gritar o suficientemente alto para estilhaçar os vidros.

—Vamos, Kandy...

—Kandrea. — grunhiu. — E tive o bastante. — Amavelmente pedi que me soltasse pelo menos em três ocasiões. Acabou. Um. Dois. Tr...

Rapidamente puxou de novo as mãos. Ela sorriu com sarcasmo.

—Vai dizer algo a Olivia?— Tyler franziu o cenho. — Porque eu não acredito que deva.

—É obvio que não.

—Não sei o que aconteceu. Nunca acontecerá de novo.

—Isso é certo pelo menos.

Ele suspirou e revirou os olhos.

—Querida. Tudo o que fará é feri-la. Ela está apaixonada por mim.

Felizmente, Kandrea sabia que Olivia já estava cansada de Tyler Thomas e sua reputação de ser um completo libertino. O que seja que Livi viu nele era ser um enigma. Sua aura era mais repugnante que a colônia que usava.

—Não machuco as pessoas que me importam. — disse Kandrea deliberadamente enquanto ficava de pé. — Por outro lado, não tenho escrúpulos de nenhuma classe em destruir os que detesto. — Seu sorriso o desafiou a pensar nela de novo. — Faria bem em recordar isso.

Com uma grande saída, Kandrea abriu caminho pela calçada e sob uma escada estreita que a levou a estação de metro mais abaixo. Seu estado de ânimo era mais negro que a meia-noite, assim ficou feliz de estar envolta pelo denso mar de gente sem nome nem rosto, todos apressados por encontrar seus trens desejados. A algumas pessoas não gostavam do anonimato da vida da grande cidade, mas Kandrea desfrutava disso. Depois de ter passado toda sua infância se sobressaindo como uma impopular adorava o fato de que em Manhattan não era mais que outra artista em uma ilha já cheia deles.

Homens.

Não estava segura se deveria confessar a Olivia o comportamento de Tyler ou não. Enquanto sua mente gritava para dizer a Livi tudo, sua intuição insistiu em que não era necessário. Se Kandrea acreditava em seu sexto sentido, Livi se desfaria do perdedor mais cedo ou mais tarde, de todos os modos.

O trem se deteve com um chiado, suas portas se abriram automaticamente. Kandrea abriu passo entre a multidão na plataforma, se assegurando de que não teria que esperar até a próxima saída. Suspirou quando pegou a primeira correia que viu, desejando que o trem estivesse vazio para poder deixar cair seu traseiro em um dos assentos. Não há esta hora.

Kandrea estava esgotada, tanto física como espiritualmente. Tinha um próprio problema com que lutar. Saber a inexplicável atração que sentia para um determinado empreiteiro



Neandertal. Tratar ao desgraçado infiel do noivo de Livi esta noite foi a cereja do bolo.

—Tenha pressa, trem. — murmurou em voz baixa. — Não há lugar como o lar.

Capítulo Três

Damon estava de mau humor quando se levantou para ir trabalhar na manhã seguinte. Apesar de que Kandrea estava saindo com seu inimigo mortal, ele se masturbou com as imagens proibidas de sua Sybil ao menos quatro vezes na noite anterior. E seu pênis estava ainda mais duro que uma maldita pedra, quando despertou.

Rondando pelo apartamento observou exaustivamente ao redor, esperava terminar a remodelação em um tempo recorde. Damon lançou um grunhido de prazer enquanto inspecionava o impressionante trabalho em que sua equipe estava ativamente submersa. Como de costume, seus homens acertaram na mosca.

Ali estava a pequena plataforma que Kandrea pediu para a meditação e ioga. O banco estendido na janela onde beberia seu chá nas manhãs. Os pisos frescamente ladrilhados. A parede recém-construída que um de seus homens começava a pintar de amarelo canário.

Ele olhou duas vezes. E três vezes. Teria olhado quatro vezes, mas não havia engano na interpretação da cor desprendendo dessa broxa e se fixando nessa parede. Só que não podia ser...

—OH Merda, — grunhiu Damon. Piscando, rapidamente voltou a si. — Que demônios está fazendo?— Gritou, assustando ao pintor que quase deixou cair a broxa ao imaculado piso. — Deixa de pintar essa maldita parede de amarelo!

—Eu sinto Sr. Clyde. — o jovem trabalhador chiou. Ele sustentou em alto uma folha de papel. — A ordem que redigiu diz cor E4 e isso é amarelo canário.

Damon arrebatou o papel das mãos. Respirou com calma enquanto examinava a ordem de trabalho. Não dizia E4 dizia F4, mas não podia culpar ao menino por não ser capaz de ler sua letra. Infernos, quase todos os dias ele mesmo não podia ler sua própria letra. — Está bem, moço. — suspirou. — Não deveria ter gritado. Isto foi um simples mal-entendido.

Foi explicar ao rapaz — Ben, estava bastante seguro de que esse era seu nome — que a parede devia ser de cor azul violeta. As instruções saíram da boca de Damon, mas sua mente estava em outra parte, assim rapidamente o mandou acelerar seu trabalho e entrou na cozinha em busca de um momento de paz e tranquilidade.

Tinha que haver uma explicação. Sempre havia uma explicação.

Mas, como podia Kandrea saber?

Ficou estupefato, como Alice deve ter estado no país das maravilhas, Damon já não estava seguro do que era real e o que era uma fantasia. Ele não acreditava na clarividência, nem em psíquicos ou algo de natureza esotérica. Ele nunca acreditou. E, entretanto, também sabia que as probabilidades de que Kandrea fosse capaz de adivinhar com exatidão o que passou hoje eram



virtualmente nulas.

Passou uma mão sobre seu rosto, áspero com uma barba de dois dias. Isto era muito estranho.

—Merda!— Uma voz feminina gritou do outro quarto. — Me prometeu que isto nunca ia acontecer!

Ele ficou paralisado.

—Isto está me dando dor de cabeça! OH, Meu Deus, esta é a cor mais feia que vi em toda minha vida!

OH-OH. Se o pobre Ben foi sacudido pelo grito de Damon, podia bem imaginar como o menino estava tomando a chique de Kandrea. Ela poderia fazer romper o voto de silêncio de um monge com o fim de salvar a si mesmo de sua ira.

—Onde está seu chefe? Exijo falar com ele imediatamente!

As fossas nasais de Damon explodiram. A luxúria, a confusão, a ira e a atitude defensiva formaram um caos dentro dele. Foi para da cozinha, á seguinte sala, para se encontrar cara a cara com a diminuta mulher que podia dar ao mais acostumado dos caminhoneiros algumas lições sobre amaldiçoar.

—Estou aqui .— emergiu, entrecerrando os olhos. Estava zangada. Muito zangada. Bom. Pelo menos ele não era o único enlouquecido. —Acredito que queria falar comigo.

Kandrea ficou involuntariamente silenciosa, de pé diante de Damon Clyde. Deus do céu! Ele era um homem bonito. Não do tipo efeminado das capas, era rude e carnal. O tipo de homem que, se tivesse vivido na Idade da Pedra, não teria tido problemas em caçar carne para o clã e despachar os predadores da cova.

Engoliu saliva, a massa seca em sua garganta dava a sensação de ser tamanho de uma bola de beisebol. Ele parecia especialmente bem hoje em um par de jeans e uma simples camiseta negra. Facilmente poderia ver a delineação de seus bíceps afiados ondeando debaixo do tecido de algodão. Era um homem alto, de presença sólida e reconfortante em um mundo que não tinha nada.

Podia sentir que, apesar da testa franzida de Damon, o magnetismo que a atraiu para ele como uma traça a uma chama não era unilateral. Havia uma sensação de ardor em seus olhos, um desejo que estava em desacordo com sua postura rígida e o cenho franzido mal-humorado.

Kandrea desviou o olhar, fazendo seu melhor esforço por ignorar a estranha atração. Eram um par desigual. Muito diferentes. Enquanto que os opostos podem atrair, supunha que raramente ficavam juntos.

Obrigou-se a reatar o contato visual, embora o desejo de tomar distância fosse bastante entristecedor.

— Prometeu-me que isto não aconteceria. — disse secamente.

Abriu a boca para falar, mas não saiu nada. Olhou por um momento suspenso no tempo, logo sacudiu a cabeça e olhou para outro lado.

Estava acostumada a este tipo de coisas, às pessoas sem saber como reagir quando



enfrentam com a verdade de suas habilidades psíquicas. Por alguma razão, sua surpresa a envergonhou nesta ocasião, uma pequena parte dela tinha a esperança de que Damon Clyde reagisse de maneira diferente da maioria.

—Como sabia?— Perguntou em voz baixa, surpreendendo-a.

—Eu...

Ela tratou de responder, mas o seguinte que Kandrea soube era que estava sendo levada pelo cotovelo a cozinha. Damon a puxou junto a ele e a virou para olhá-la logo que chegaram a seu destino. Seu rosto era sério, sua postura como a uma pantera enjaulada. Não estava segura do que fazer com seu comportamento contraditório e, por desgraça, sua intuição não falava.

—Está me deixando louco. — disse Damon apertando sua tensa mandíbula.

Estava deixando ele louco? Porque foi capaz de predizer com exatidão o futuro, supôs. Decepcionada com dele embora não tinha direito de estar, arrancou o braço de suas mãos e virou sobre seus calcanhares para ir. Mãos grandes e fortes a agarraram por trás e puxaram.

—Me solte! — Kandrea estava furiosa, e virou para ele. — Que diabos quer de mim? Uma desculpa pelo que sou? — se deu conta de como soava vulnerável e se odiou por isso. Obrigando à garota indefesa de seu interior a ficar à raia, a mulher dura se encarregou. — Isso não vai acontecer.

—Kandrea...

—Deixe-me ir.

—Não.

—Então vou te despedir.

—Não me importa.

Em um segundo estava olhando-o hostilmente, e ao seguinte foi elevada de seus pés e pressionada com força contra ele. Suas mãos ásperas agarraram seu traseiro e a sustentou enquanto sua faminta boca cobriu a sua.

Damon introduziu a língua nela, com a respiração entrecortada. Kandrea respondeu do mesmo modo, deixando de lado suas inibições e o beijou com a mesma paixão. Ela elevou seus quadris contra os dele, esfregando sua vagina contra sua considerável ereção. Gemeu contra sua boca e agarrou seu traseiro mais forte. Beijaram-se como se nenhum dos dois pudesse obter suficiente do outro, com toda sua frustração sexual a ponto de arrebentar.

Uma tosse incômoda quebrou o feitiço. Suas bocas se separaram.

—Uh..., sinto interromper, chefe. — murmurou um trabalhador envergonhado. —Voltarei depois.

—Não. — Kandrea exalou. Não tinha ideia do que deu nela, mas não podia recordar se comportar tão descaradamente com outro homem. O rubor manchou suas bochechas enquanto Damon brandamente a baixou. — Eu irei. — ela deu instruções ao trabalhador. — Você fica.

—Kandrea — Damon apertou os dentes — Temos que conversar.

Já era muito tarde. A forte mulher fugiu e a menina assustada se encarregou.

Kandrea saiu correndo da cozinha e do que seria logo seu apartamento mais rápido do que



nunca se moveu em sua vida.

— Kandrea!— Ouviu Damon bramar, uma inconfundível advertência em seu tom. Não importava. Sua respiração saía em ofegos enquanto se precipitou escada abaixo, abriu a porta, e se esquivou de um para-choque no tráfico de Manhattan ao cruzar a rua.

Ela nunca, jamais, sentiu tão poderosa necessidade de estar com um homem como a que acabava de experimentar com Damon. Para uma pessoa que levantou muros ao redor de seu coração faz muitos anos com o fim de evitar o dano que indevidamente isso trazia, as emoções eram simplesmente entristecedoras.

Então chegou a seu edifício e tomou o elevador até seu apartamento, era um desastre. Kandrea fechou a porta atrás dela e fez algo que não se permitiu em muitos anos.

Caiu sobre a cama e chorou como um bebê.

Capítulo Quatro

Depois de um alarido catártico e uma sesta de três horas, Kandrea se sentou em sua cama e estendeu os braços com um bocejo. O apaixonado beijo que compartilhou com Damon Clyde instantaneamente voltou para sua memória, e pôs seu rosto em chamas. Não se comportava assim. Nunca.

—Eu gostaria de ser lésbica. — murmurou Kandrea em voz baixa. Separou as cobertas e se levantou.

Bom, menos pelo assunto de comer uma vagina. Desejava que esse particular aspecto de estar com uma mulher sustentasse algum encanto, mas não fazia. O único atum que entraria em sua boca seria direto de uma lata e com algumas bolachas salgadas. Muito mau. Teria sido uma grande lésbica do contrário.

—Nenhum homem com quem tratar. — pigarreou.

Indo para seu escritório, decidiu limpar em lugar de recordar a cena que teve com Damon de manhã. Lavou seus pincéis se aborrecendo até as lágrimas, mas hoje parecia muito mais seguro para sua psique. Tedioso e monótono, possivelmente, mas seguro.

O retrato que pintou algumas semanas atrás, o do jovem desajeitado cuja mãe morreu de câncer, captou sua atenção. Tocando sua fibra sensível, se dirigiu ao cavalete sobre o que estava colocado e o olhou. A pintura se secou há muito tempo por isso levantou brandamente sua mão ao menino chorando. Passou um dedo consolador através de sua imagem, terminando em sua sombria cara.

— Eu gostaria de poder encontrá-lo. — murmurou. — Não sei por que, mas estou obcecada contigo.

—Que demônios? — Grunhiu uma voz masculina, o que a sobressaltou. Sua mão caiu enquanto deu a volta para enfrentar o intruso. — Que diabos é isto?



As fossas nasais de Kandrea flamejaram enquanto seu olhar se estreitava com o de Damon Clyde. Seu coração pulsava com força pelo susto que deu. Abriu a boca para encará-lo com uma reprimenda por entrar em seu departamento sem ser convidado, mas se deteve quando se deu conta de que não estava prestando atenção. Seus olhos escuros estavam encantados, sua consciência total fixada em uma coisa e somente uma coisa.

Uma estranha sensação se apoderou do corpo de Kandrea quando viu Damon caminhando lentamente mais perto da pintura.

Poderia ser? Era remotamente possível que...?

A compreensão de quem era o menino pelo que sentia tão profunda tristeza a golpeou. Não podia acreditar, mas nada se sentiu tão certo. Ele entendia o que se sente ao ser diferente. Sofreu as brincadeiras de outros meninos miseráveis, enquanto suportava a morte lenta e dolorosa de sua mãe, igual à Kandrea.

De algum jeito isso tudo era diferente e esclarecedor. Um espírito que nunca atuou diretamente em sua vida antes, mas aí estava. A mãe do Damon levou Kandrea a seu filho.

Brandamente esclareceu a garganta.

— Sua mãe quer que saiba como esta orgulhosa. — disse em voz baixa. — E sabe que superou todos as torturas que injustamente infligiram á você.

Viu ele ficar quieto, com suas costas rígida de tensão.

—Eu... sinto— sussurrou. — Se soubesse que a pintura era de você, teria dito faz muito tempo. Mas não funciona assim. Nunca sei sobre quem são as pinturas. Só posso esperar que terminem nas mãos adequadas quando as vendo.

Lentamente se voltou para olhá-la. Sua expressão facial era ilegível.

—Sinto muito. — repetiu estupidamente, sem saber o que mais dizer.

Damon a olhou fixamente, seus olhos abrindo passo por seu corpo de cima a baixo.

— Está... Minha mãe aqui agora? — Perguntou.

—Não. — Ela encolheu os ombros. — Os fantasmas, espíritos, ou como quer chamá-los tendem a me deixar e ir aonde precisem estar uma vez que as pinturas acabam.

Uma fâsca defensiva se ascendeu no interior Kandrea. Inclusive depois de apresentar a prova de sua capacidade, ainda acreditava que ela brincava com ele? Não acreditava que suas experiências com o outro mundo fossem verdadeiras?

—Isso é provavelmente o melhor — disse Damon. Seu olhar atravessou o seu. — Porque não poderia fazer nenhuma das coisas obscenas que quero fazer com você diante de minha mãe.

Seu fôlego ficou apanhado em sua garganta. Ela se debatia entre a alegria de conhecer alguém, além de Olivia e Andie, que acreditasse nela e o prazer hedonista de se dar conta de que Damon Clyde a desejava tanto. Ansiosamente afastou um cacho loiro e comprido atrás da orelha e mordeu o lábio.

—Que tipo de coisas obscenas?— assinalou.

Idiota! Que coisa mais boba de dizer!

Obviamente, nunca poderia ter a sofisticação de Lauren Bacall. Era uma lástima, pensou



Kandrea. Deveria estar fumando um cigarro desses compridos e dando uma atrevida olhar com olhos sedutores. Em lugar disso estava se comportando como uma boba. Continuou castigando mentalmente a si mesma, embora entretida com todas as possibilidades maliciosas que suas palavras enviaram a sua mente.

—Que tal se... — murmurou Damon enquanto iniciava seus passos para ela, — Mostro em lugar de dizer isso.

Seus olhos azuis aumentaram. Tratou de engolir, mas sua garganta secou. Kandrea soprou não muito sutilmente. Seus peitos exalaram ao compasso de sua respiração enquanto sua frequência cardíaca disparava. Supunha que devia temer a um homem de seu tamanho aproximando-se dela com intenções tão evidentes...

Kandrea saltou nos fortes e exigentes braços, enquanto Damon a arrancava do chão e a levava até a cadeira mais próxima. Tomando a parte posterior de sua cabeça se aferrou a ele com força, suas bocas chocando enquanto suas línguas procuravam cada um o outro. Pararam como se fossem um em uma cadeira de grande tamanho.

—Tenho que estar dentro de você. — disse Damon com voz rouca, afastando sua boca dela. Sua respiração ficou cada vez mais pesada enquanto puxava a saia cigana negra que usava. — Não posso esperar mais.

Ela mesma tirou a saia por cima da cabeça e jogou longe. Damon agarrou a camisa e ajudou ela a tirar rapidamente. Escarranchada sobre seu regaço, os mamilos de Kandrea endureceram enquanto olhava fixamente seus grandes peitos intensamente o suficiente para marcá-los.

Damon acariciou seus seios, seus escuros olhos piscavam pesadamente. Seus polegares começaram a massagear e brincar com seus mamilos. Kandrea gemeu sentindo como seu corpo se transformava em chamas.

—Chupa-os. — ela exalou.

—Não antes que esteja dentro de você.

—Mas doem.

Seus polegares se fizeram mais exigentes.

— Bom.

OH, ele era mau. Mau e sexy como o inferno.

Com as pernas trementes, Kandrea conseguiu ficar de pé sobre a cadeira e tirar sua calcinha. As mãos do gigante facilmente a seguiram, sem deixar seus seios enquanto gemia, apreciando a nova vista.

—Tem um vagina formosa. — rugiu Damon. Sua língua se deleitou no anel do apetecível umbigo.

Kandrea ruborizou apesar de si mesma. Seus dois anos de seca no departamento de relações sexuais frequentemente a fez perguntar por que se mantinha bem cuidada nessa parte. De repente, esteve agradecida de estar.

Ela teria respondido, mas sua língua disparou e roçou seu clitóris. Gemeu, suas pernas já tremendo sentindo-se tão firmes como macarrão cozidos. Ele deve ter se dado conta pois suas



mãos soltaram seus peitos e agarraram suas nádegas. Deixou cair sua cabeça, puxando ela para baixo para a parte superior de sua boca e chupou freneticamente sua vagina.

—OH, Meu Deus. — exclamou Kandrea. Seus mamilos estavam dolorosamente duros. — OH, sim! OH Deus.

Ela montou o rosto de Damon, esmagando sua carne excitada em sua boca. Ele gemeu contra sua vagina, chupando seus clitóris e abrindo mais forte e com mais urgência.

—Mmmmm— ele ronronou. —Mm mmmmmmm mm.

Damon a devorou mais laborioso. E cada vez mais duro e...

O nó de tensão em seu estômago saltou livre. O sangue esquentou sua cara e seus mamilos enquanto gozavam com força...

—OH. Merda... Meu Deusss!

Damon grunhiu enquanto lambia seus sucos, suas calosas mãos quase apertando suas suaves nádegas. Os dedos de Kandrea se aferraram à cabeça da cadeira, seus quadris se retorciam, forçando sua vagina a ficar o mais perto de sua boca como era humanamente possível. Seus ofegos foram crescendo quando gozou de novo, incapaz de deter o intenso clímax.

No momento em que acabou de gozar, o corpo de Kandrea se converteu em um brando boneco de trapo. Uma espécie de sonho feliz caiu sobre ela, drogando-a. Incorporou a cara de Damon e se derrubou em seu colo, escarranchada sobre ele uma vez mais.

—Não há descanso para os caídos. — murmurou Damon.

Ela podia sentir sua ereção dura como o aço, empurrando contra seus jeans, exigindo sua atenção. Não importava quão esgotada estivesse. Ele deixou claro que a noite acabava de começar.

Obrigado Deus!

A Kandrea urgia observar a tão belo espécime em sua nudez total. Levantou a camiseta negra que Damon usava, tirando sobre sua cabeça e jogando longe. Seus olhos azuis se estreitavam com desejo à vista de seu torso nu e cinzelado. Damon Clyde era todo músculo e zero gordura. Seu corpo era duro e masculino, e em total contraste com seu suave feminilidade.

—É tão formoso—, sussurrou ela, seus dedos deslizando através do pelo negro de seu peito. —Tão viril e formoso.

—Tire os jeans. — sugeriu com voz rouca.

Desabotoou e deslizou o zíper. Ele levantou da cadeira um pouco, o suficiente para permitir que Kandrea tirasse seu jeans e baixá-lo por seu firme traseiro e além de seus joelhos. Seu pênis grosso, rígido se liberou, seu peito subiu para cima e para baixo ao ritmo de sua entrecortada respiração. Não perdeu mais tempo, agarrou seu pênis pela base e o pôs na entrada de sua vagina.

—Isso, Kandy. — queixou Damon. — Sente nele, neném.

Kandy. Pelo geral detestava quando as pessoas a chamavam desse modo.

Quando Damon disse, com toda essa possessividade masculina e excitação, com um tom sexy, adorou. Ele amassou suas nádegas, trazendo-a mais perto.

—Ponha-me em seu interior, Kandy. Tenho que fodê-la, querida.



Suas palavras eram intoxicantes. Ásperas, sujas e OH! Tão estimulantes.

Sustentando seu pênis com uma mão, utilizou a outra para separar os lábios de sua vagina e deslizou para baixo sobre seu eixo, empalando a si mesma com um gemido.

—Maldita seja, está apertada. — ele grunhiu. — Merda.

—Você é enorme. — ela ofegou.

Kandrea colocou sua palma contra seu peito como apoio e começou a montá-lo. Seus peitos se sacudiam enquanto pegava o ritmo, com os mamilos rígidos de tanta excitação. A língua de Damon não se fez esperar mais. Se enroscou ao redor de seu dolorido mamilo, devorando com sua quente boca. Ela gemeu quando ele febrilmente chupou, instintivamente o montou mais rápido, atravessando assim a si mesma mais duro.

—É minha agora. — grunhiu, liberando seu mamilo com um som de explosão. —Toda minha.

Montou mais rápido, a sensação de seu grande pênis, era tão condenadamente boa em seu interior. Queria gozar, mas o evitou, temia que desse sono muito cedo.

—Mais forte. — Damon gemeu. —Foda-me mais forte.

Montou-o sem inibições, deleitando em seu desejo por ela. Os loiros cabelos ricocheteavam enquanto o fodia longo e duro, sem querer que este momento chegasse ao final.

—Minha doce Kandy Kane, — Damon chiou. —Toda minha.

As palavras possessivas foram sua perdição. Kandrea se deixou cair em seu pênis uma, duas, três vezes mais, logo gozou tão forte e violentamente que acreditou ia desmaiar.

—Siiiiiiiiimm! — Ela gemeu. —OH, Damon! OH, sim!

Agarrou bruscamente pelos quadris e golpeou seu pênis dentro dela. Seus olhos se fecharam, enquanto todo seu corpo se esticou, se preparando para gozar.

—Kandrea — disse com voz entrecortada. —Merda.

Damon gozou dentro dela, seu esperma quente disparou até encher sua vagina. Montou duro, ordenhando seu pênis, tirando tudo o que tinha que dar.

—É tão sexy — disse Damon com voz rouca. Beijou seus mamilos, enquanto baixava o ritmo até se deter. — Tão perfeita.

Perfeita? Ela?

Seu coração se encheu, Kandrea caiu sobre seu peito com sua energia totalmente esgotada. Supõe-se que três orgasmos enormes em trinta minutos poderiam fazer isso a uma mulher. Que o homem mais bonito do mundo dissesse que era sexy e perfeita foi a cereja do bolo. Ela sorriu enquanto se aconchegava, com a esperança que a noite nunca terminasse.

Damon nunca pensou desejar a uma mulher mais do que queria Kandrea.

Ela era uma contradição. Inocente e sexual, ingênua e mundana, formidável e tentadora. Era tudo o que queria e mais.

—Preciso estar dentro de você outra vez. — grunhiu Damon. —Agora.

Seus olhos azuis se ampliaram com inocência. Seus mamilos duros empurraram contra seu enorme peito.

Ela era um paradoxo.



Tinha que fodê-la de novo antes que seu pênis explodisse.

Parecia, que ela tinha outras intenções.

Kandrea deslizou para baixo por seu corpo e até o chão entre suas pernas. Olhava para ele com fome, enquanto seus lábios carnudos, inchados e abertos já se envolviam ao redor de seu magnífico e endurecido pênis. Damon gemeu, tão aceso pela visão como estava por seus sentidos.

— Isso, neném. — disse entre dentes, com as pálpebras pesadas. — Chupa-o.

Ele deslizou seus dedos por seu comprido e loiro cabelo e se aferrou à parte posterior da cabeça.

A boca de Kandrea trabalhou por toda a longitude de seu eixo, seus olhos azuis olhando para ele enquanto chupava seu pênis como uma de suas chupetas favoritas.

— Mais rápido. — Damon chiou. — Mais duro.

Ansiosa ela obedeceu, dando a mamada de todas as mamadas. Chupou-o mais forte e rápido, com os lábios e a língua.

— Mmm... — ronronou ela ao redor de seu pênis. — Mmmmmmm... — Era delicioso.

Damon gritou em resposta, seu esperma quente ameaçando sair a jorros, pois ela seguia chupando. Seus pés se curvaram e um orgasmo duro rompeu através dele, o sêmen saiu disparado. Ela bebeu tudo dele, não desperdiçando de tão delicioso néctar nenhuma gota.

— Merda — ofegou Damon, com seu peito subindo e descendo, de acima a abaixo. — Maldição.

Não queria que ela jamais o deixasse.

Não havia forma de dar sentido a sua instantânea mútua atração, mas não importava de todos os modos. Era mais profundo, como se tivessem se conhecido toda vida, como se tivessem sido feitos um para o outro.

Tudo o que Damon sabia com certeza era que, por qualquer razão, Kandrea Kane entrou em sua vida querendo um apartamento, e conseguiu que deixasse suas barreiras de lado, metendo-se sob sua pele, fazendo-o sentir outra vez. Sentir de uma forma como nunca antes se permitiu. Foi de uma vez uma maravilhosa e aterradora compreensão.

Sem refletir mais, Damon levantou Kandrea sobre seu colo e a abraçou com força. Se ela se afastava, não seria porque a deixou ir.

Capítulo Cinco

Kandrea despertou à manhã seguinte em sua cama, o corpo de Damon possessivamente colado ao dela. A cama, chegaram à cama! Sorriu enquanto recordava os acontecimentos da noite anterior.

Trataram de chegar ao quarto em inúmeras ocasiões, mas não puderam permanecer afastados um do outro o tempo suficiente para chegar ali. Na cadeira, no chão, no corredor... Em



todas as partes, também na pia da cozinha. E, é obvio, na cama. Talvez solucionasse essa situação hoje.

—Bom dia. — murmurou com voz grave. —Dormiu bem?

—Como um bebê.

—Eu também.

—Sei. Despertei por causa de seus roncos.

Ele sorriu. Damon a soltou o tempo suficiente para esticar e bocejar e logo novamente a abraçou. Podia sentir a ereção matinal empurrando contra seu ventre, demandando atenção. Kandrea se agachou e agarrou seu pênis pela raiz, seu ventre se apertou com seu gemido.

Desejava. Ontem, hoje... Sempre. A compreensão foi instrutiva. Sua mão caiu longe enquanto os muros que protegiam seu coração tentavam afastar Damon dele. O que aconteceria se ele não sentia o mesmo? E se ela era só outro entalhe no poste da cama ou de uma cadeira, por assim dizer?

—Escuta, Kandy. — disse Damon, se apoiando em um cotovelo —Temos que falar.

Ho, ho. Kandrea suspirou. Nada bom vinha com essas palavras.

—Você não gosta de falar?— Grunhiu ele. — Acreditava que as garotas entendiam esse tipo de coisas.

Ela franziu o cenho enquanto se sentava na cama e o olhava. A luz brincalhona de seus olhos causou estragos em suas defesas e sorriu.

—Acredito que ambos sabemos que não sou uma garota comum.

—É muito melhor. — disse seriamente. —É uma para ficar.

Para ficar? Não era exatamente um cartão do Hall Mark, entretanto fez que seu coração desse um salto.

—Assim é você. — Ela sorriu.

—Me alegro de que se sinta assim, querida. Mas tenho que esclarecer umas coisas aqui.

Seu sorriso se desvaneceu. Aqui vinha. O discurso “Eu gosto de muito, mas não estou preparado para um compromisso”.

—Eu não compartilho. — disse Damon com brutalidade. Seus olhos a transpassaram. —Tyler tem que ir.

—Tyler?

—Vi vocês juntos.

Ela não pôde evitá-lo. Começou a rir. As gargalhadas.

—Isto é malditamente sério, Kandrea. — Tinha o cenho franzido. — Não compartilho com ninguém, e muito menos com um idiota como esse.

Tratando de controlar a risada, explicou o que aconteceu essa noite no restaurante. Ela se sentia tão atraída para Tyler Thomas como uma mosca pelo mata-moscas.

—Graças a Deus. — disse a um desconcertado Damon. — Tive medo por um minuto de ter que ir dar uma surra nele.

—Eu gosto— disse Kandrea, com expressão sóbria. —Somente de você.



Seu quente e escuro olhar se encontrou com a dela.

— E seu eu gosto só você. — disse em voz baixa.

Uma premonição do que viria chegou com força, obrigando-a a ver o futuro. Odiava quando isto ocorria. Inevitavelmente, terminaria destruindo as coisas se mostravam que o homem em questão não era o correto.

Uma imagem cristalina se formou em sua mente. Ia caminhando pela rua de mãos dadas com duas crianças pequenas, uma formosa pequena loira e um bonito menino de cabelos escuros. Gêmeos. Seus gêmeos. Ficou sem fôlego ao ver seu pai.

Era Damon. O forte e bonito Damon, tão magnífico como sempre. Pegou seus filhos, e dirigiu um olhar cheio de amor, pronunciando em seu ouvido as palavras.

—Te amo— e escoltou a sua família ao mesmo restaurante de que acabavam de falar.

Um sorriso curvou seus lábios.

— Me alegro de ser a única que você gosta, Damon Clyde— Ela agarrou seu pênis de novo e reatou a massagem. —Porque eu nunca vou deixa-lo ir. Nem a você, nem isto!— riu.

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.

Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.

Respeite o grupo e as revisoras.